

Universidade de Brasília
Instituto de Artes
Departamento de Artes Visuais

Luana da Silva Santos

Narrativas visuais: Zines como Veículo de Expressão e Reflexão na Educação de Jovens e Adultos

Brasília – DF
2023

Luana da Silva Santos

Narrativas visuais: Zines como Veículo de Expressão e Reflexão na Educação de Jovens e Adultos

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Licenciatura em Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB).

Orientador: Cayo Honorato

Brasília - DF
2023

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Ao décimo oitavo dia do mês de dezembro de dois mil e vinte e três, às dez horas, realizou-se na sala 06 do VIS, a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante Luana da Silva Santos, matrícula nº 190044501, intitulado: "Narrativas visuais: Zines como Veículo de Expressão e Reflexão na Educação de Jovens e Adultos". A comissão examinadora foi composta pelos professores: Dr. Cayo Honorato (VIS/UnB) - presidente; Dra. Ana Paula Caixeta (VIS/UnB) e Dr. Eduardo Belga (VIS/UnB). Após a apresentação da estudante, a banca procedeu aos comentários e deliberou pela APROVAÇÃO do Trabalho de Conclusão de Curso, com a menção SS.

ASSINATURAS:

Professor Dr. Cayo Honorato

Professora Dra. Ana Paula Caixeta

Professor Dr. Eduardo Belga

Proclamado o resultado pelo Professor Dr. Cayo Honorato, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Cayo Vinicius Honorato da Silva, lavrei a presente ata, que assino.

Brasília, segunda-feira, 18 de dezembro de 2023

Dedico este trabalho à memória de minha prima Nádia, cujo incentivo foi decisivo para meu ingresso neste curso, mesmo não seguindo o caminho da venda de arte na praia. Embora não tenha presenciado o desfecho deste ciclo, sua influência foi crucial para o início desta jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às pessoas que foram fundamentais nessa jornada acadêmica. Primeiramente, aos meus pais, pelo apoio e impulso constante em todos os aspectos da vida. À minha irmã, meu grande exemplo, que sempre me mostrou como a educação pode ser transformadora.

Ao Cayo Honorato, meu orientador, cuja orientação foi uma escolha premeditada desde minha primeira aula com ele, mesmo sem ele estar ciente disso. Aos notáveis Thérèse Hoffman, Tatiana Fernandez, Eduardo Belga, Lynn Carone e aos demais professores do departamento de Artes que participaram deste ciclo.

À turma do semestre 2019/1, que foi composta por colegas de classe excelentes, mesmo para aqueles que não continuaram no curso.

Agradeço também aos meus estágios, experiências enriquecedoras de aprendizado, e aos colegas de estágio, que não apenas compartilharam conhecimentos valiosos, mas também proporcionaram momentos memoráveis de risadas.

A minha prima Dyana, que me ensinou a ter coragem e a ser gentil, e aos meus amigos Ariel e Malu, que estiveram ao meu lado em todas as etapas.

Às crianças da turminha do Ipê Verde, por me mostrarem o quão linda e acolhedora pode ser a educação infantil.

E à minha namorada, que é um exemplo de educadora, por me fazer sentir parte deste mundo e que contribuiu significativamente para meu crescimento pessoal e acadêmico.

Finalmente, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram para esta conquista.

RESUMO

O presente trabalho busca investigar o papel das zines como instrumento de reflexão e expressão na educação de jovens e adultos (EJA). Explorando brevemente a história e a variedade de formatos das zines, a pesquisa também se concentra no impacto da arte na aprendizagem. Como pesquisa de campo, uma oficina foi realizada, a fim de experimentar na prática a zine como uma possibilidade de ferramenta pedagógica, culminando na produção de zines pelos participantes. Com isso, buscamos evidenciar que as zines, enquanto instrumento de aprendizagem, possuem um grande leque de possibilidades a ser explorado na EJA.

PALAVRAS-CHAVE: Zines, Educação de Jovens e Adultos (EJA), Identidade, Arte.

RESUMEN

El presente trabajo busca investigar el papel de las zines como instrumento de reflexión y expresión en la educación de jóvenes y adultos (EJA). Explorando brevemente la historia y la variedad de formatos de las zines, la investigación también se concentra en el impacto del arte en el aprendizaje. Como investigación de campo, se llevó a cabo un taller con el fin de experimentar en la práctica la zine como una posibilidad de herramienta pedagógica, culminando en la producción de zines por parte de los participantes. Con esto, buscamos evidenciar que las zines, como instrumento de aprendizaje, tienen un amplio abanico de posibilidades a explorar en la EJA.

PALABRAS CLAVE: Zines, Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), Identidad, Arte.

Lista de figuras

Figura 01: Capa da zine “Ficção” de Edson Rontani, 1965. Fonte: UHQ .. 15

Figura 02: Zines standard. Fonte: Imagem da internet..... 18

Figura 03: Zine de bolso. Fonte: Etsy.com..... 19

Figura 04: E-zine studio 24. Fonte: UFSCar..... 20

Figura 05: Plano de aula em formato de zine de bolso. Fonte: A autora.... 33

Figura 06: Muro da escola CEF 120 de Samambaia Sul. Fonte: A autora. 34

Figura 07: Estudante recortando figuras: Fonte: A autora..... 35

Figura 08: Zines confeccionadas: A autora..... 35

Figura 09: Zine 01. Fonte: A autora.....36

Figura 10: Zine 02. Fonte: A autora.....37

Figura 11: Zine 03. Fonte: A autora..... 38

Figura 12: Zine 04. Fonte: A autora.....39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 10

2. AS ZINES..... 13

2.1 Origem e contexto Histórico..... 13

2.2 Zines no Brasil..... 15

2.3 Zines e seus formatos..... 17

3. O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO CURRÍCULO DA EJA..... 21

3.1 A inserção do componente curricular "Artes" na Educação de Jovens e Adultos..... 21

3.2. A importância da apropriação artística na Educação de Jovens e Adultos..... 25

4. ZINE COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NA EJA..... 27

4.1. O estudante como protagonista do processo de criação..... 28

5. PESQUISA DE CAMPO: EXPLORANDO AS ZINES NA PRÁTICA..... 31

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 41

REFERÊNCIAS..... 42

1. INTRODUÇÃO

As zines, uma abreviação de "fanzines" ou "revistas feitas por fãs," representam um veículo distinto de publicação alternativa que ganhou relevância histórica e contemporânea a partir da década de 1970. Tal relevância decorre da comunicação descentralizada que elas proporcionaram durante movimentos culturais e sociais, como por exemplo, o movimento punk. Hoje em dia, as zines continuam tendo destaque, principalmente entre artistas independentes.

Nos debates acerca da origem histórica das fanzines, Santos (2013) alega que há uma dificuldade em saber sobre seu princípio exato, já que o anseio de expressão que envolve a humanidade e a vastidão de formatos que as zines proporcionam fazem com que elas possam ter surgido em qualquer lugar do mundo e em épocas distintas. Por sua vez, Magalhães (1993) afirma que elas surgiram nos Estados Unidos na década de 1930. Essas visões divergentes no que diz respeito ao seu surgimento, evidenciam a riqueza e a natureza multifacetada das fanzines, cuja relevância atual transcende suas origens.

Confeccionadas manualmente, as zines se destacam como um microcosmo singular de criatividade e liberdade de expressão. Elas podem abordar uma gama notável de tópicos, que variam desde questões culturais e políticas até interesses pessoais. A flexibilidade temática dessas publicações assegura sua adaptabilidade e aplicabilidade em diversas esferas, inclusive no contexto educacional.

No cenário educacional, a busca por estratégias e instrumentos capazes de conferir significado e envolvimento ao processo de aprendizado é constante. Esta procura é ainda mais acentuada no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), onde os discentes frequentemente trazem consigo experiências de vida multifacetadas, complexas e diversas. Nesse contexto, a demanda por abordagens pedagógicas que não se restrinjam à transmissão de conteúdo, mas que, de igual modo, estimulem a expressão individual e a análise crítica, assume uma importância particular.

É nesse contexto que as zines podem surgir como um recurso educacional. Elas transcendem a abordagem convencional de aprendizado.

Através da confecção das zines – que no contexto educacional incluirá etapas como a discussão prévia do tema a ser abordado, o planejamento do conteúdo a ser tratado e a maneira como isso será expresso na zine – os estudantes são convidados a não apenas assimilar informações, mas também a questionar e contestar essas informações. Essa abordagem participativa e criativa permite que os estudantes se envolvam de forma ativa no processo de aprendizado, promovendo o pensamento crítico, a expressão pessoal e a reflexão, ao mesmo tempo em que incentiva a análise dos temas que podem ser tratados.

Apesar de fazerem parte de um universo muito vasto, podendo tratar de diferentes temas, públicos e lutas, as zines também podem ser atreladas e até mesmo usadas como elemento artístico de expressão individual. Sendo um objeto de trabalho que tem o ponto de partida livre, dependendo da proposta geradora, as zines podem ser usadas tanto para criar provocações e explicar temas já existentes, como para servir de pontapé para um trabalho de valorização da identidade própria de quem a faz – o que é o objetivo principal desta pesquisa. De maneira mais abrangente, as zines podem proporcionar simultaneamente um meio para expressar as vozes, pensamentos e identidades de seus autores. As zines não são apenas veículos de comunicação; elas têm o potencial, em um contexto educacional, para atuar como manifestações tangíveis de identidade, reflexo das experiências e visões do mundo dos próprios alunos e da sociedade que os envolve.

O propósito deste estudo é explorar a interação dinâmica entre as zines e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse empreendimento, viso ressaltar como as zines, apesar de não serem originalmente uma ferramenta educacional, podem se converter em um meio de fomentar a expressão pessoal e a análise crítica. Em um ambiente educacional cuja proposta educativa poucas vezes dialoga com a realidade e individualidade de cada um e que frequentemente trata os estudantes apenas como alguém a receber um diploma, utilizar a zine para valorizar a realidade pessoal pode ser um meio para instigar o estudante se colocar no epicentro de sua própria jornada educacional.

Tendo como objetivo explorar a zine como recurso educacional na educação de jovens e adultos, optou-se por uma pesquisa qualitativa no intuito

de procurar perceber como essa ferramenta pode ser utilizada em sala de aula, utilizando a pesquisa de campo como procedimento metodológico.

Para Gonsales (2011), o objetivo de uma pesquisa exploratória é desenvolver e ampliar ideias acerca de um determinado tema, que, por vezes, não é tão explorado. Baseado nesse conceito que busca aproximar discussões e fatos sobre um tema específico, o trabalho aqui presente buscou utilizar a metodologia de cunho exploratório.

Levando em consideração o tema proposto, o trabalho que se segue tem por objetivo geral explorar diferentes aspectos e propostas das zines, com ênfase na Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto busca valorizar as identidades dos estudantes, tendo ainda como objetivos específicos:

- Contextualizar historicamente as zines.
- Explorar como as zines podem se inserir e contribuir no contexto educacional EJA como uma ferramenta pedagógica.
- Refletir sobre o papel do componente curricular Artes nesse contexto e seu potencial de contribuição.

2. AS ZINES

2.1 Origem e contexto Histórico

As zines são uma abreviação do termo fanzine e surgiram inicialmente como um meio para que fãs compartilhassem suas próprias narrativas, permitindo que o consumidor se tornasse um autor de suas histórias ou até mesmo um apreciador de enredos já existentes. A nomenclatura é a junção de duas palavras da língua inglesa: *fanatic* e *magazine*

> Embora os fanzines tenham surgido na década de 30, nos Estados Unidos, com as publicações de ficção científica, esta denominação só foi criada em 1941, por Russ Chauvenet. O termo fanzine é um neologismo formado pela contração dos termos ingleses fanatic e magazine, que viria a significar "magazine do fã" (MAGALHÃES, 1993, p. 9).

Fanzines, ou apenas zines, são um meio de publicação alternativa e independente. Elas são feitas de maneira artesanal, comumente a partir de uma folha sulfite, porém podem ser confeccionadas através de diversos materiais, até mesmo digitalmente, e sua autopublicação é feita geralmente com pequenas tiragens. A principal característica desses livretos é o papel do autor, que participa de todo o processo de criação, da idealização até sua distribuição (MAGALHÃES, 1993, p. 10).

Sobre a origem das zines, Magalhães (2004, p. 11) afirma que seu surgimento se deu na década de 30 nos Estados Unidos. Por outro lado, de acordo com as pesquisas de Gazy Andraus (2003), na Roma antiga, já existia uma forma primária de informativo entalhado denominado Acta Diurna, que guardava semelhanças notáveis com os jornais modernos, pois eram informativos elaborados pelo imperador Júlio César para a disseminação de informações ao povo romano. Embora essa forma de comunicação estivesse ligada ao governo e suas necessidades políticas, não podemos ignorar o fato de que, ao longo do tempo, os próprios cidadãos começaram a adotar métodos semelhantes para expressar suas opiniões e divulgar informações.

Nesse sentido, os habitantes da Roma antiga passaram a escrever diretamente nas paredes da cidade e a compartilhar seus próprios informativos, transformando, assim, um meio de comunicação que inicialmente servia ao

propósito do governo, para o controle de massa, em um veículo de interesse e apropriação pessoal para divulgação de vivências do povo e suas minorias. Esse processo de descentralização da mídia governamental pode ser entendido como uma precursora das zines contemporâneas, que almejam trazer à tona tópicos comumente invisibilizados pelos grandes veículos de comunicação que, geralmente, estão a serviço de uma pequena parcela da população, detentora do poder.

Ainda nessa perspectiva, Andraus (2003) também relaciona as zines com a Idade Média, momento esse em que os trovadores desempenharam um papel que se assemelha ao de jornalistas e repórteres, comunicando informações críticas, sociais e políticas por meio de suas composições poéticas e canções – embora tenham frequentemente enfrentado a censura oficial. A prevalência da iliteracia generalizada contribuiu para a prática comum de leitura em voz alta.

> Na Idade Média surgiu um tipo de jornalista-repórter, que era o trovador, que cantava além de belos poemas de amor, fatos e gozações críticas sociais e políticas. Naquela época, apenas uma pequena parte da população sabia ler: o clero, que copiava os textos religiosos manualmente em livros imensos de difícil manuseio. Em 1935, Carlos VI, rei da França, proíbe a livre expressão desses trovadores, inserções acerca de tudo que envolva o reinado e seu governo: é o braço da censura, desde tempos pretéritos até hoje em muitos países. (ANDRAUS, 2003, p. 88)

Já em 1350, com o crescimento das áreas urbanas e do comércio, houve um desenvolvimento notável nos sistemas de correios, permitindo a correspondência por meio de cartas pessoais entre os indivíduos. O surgimento das "gazetas" em Veneza, que consistem na transcrição de trechos de cartas manuscritas e eram comercializadas nas ruas, representa também uma fase embrionária dos jornais e fanzines, como formas alternativas de divulgação de informações variadas.

Isto é, essa transformação ao longo da história destaca a importância da democratização da mídia e a capacidade das comunidades de influenciar ativamente a narrativa pública. As zines contemporâneas têm algo em comum com a maioria desses meios embrionários de publicações alternativas: a livre forma de expressão.

2.2 Zines no Brasil

As primeiras zines brasileiras surgiram em meados da década de 60 e 70. Os autores que deram início à produção de zines eram os consumidores de histórias de super-heróis. As primeiras zines brasileiras não eram conhecidas por esse nome. Durante algum tempo, foram chamadas de “boletim”. Eram feitas através da impressão por mimeógrafo e distribuídas pelos correios gratuitamente em pequenas tiragens.

De acordo com Magalhães, no Brasil, a primeira zine de que se tem registro é de 1965, com o título de “Ficção”, criada por Edson Rontani:

> No Brasil o registro que se tem é que o primeiro fanzine foi criado por Edson Rontani em Piracicaba (SP) no ano de 1965 com o nome de Ficção. Ele era impresso em mimeógrafo a álcool, variando entre dez e doze páginas. Sua tiragem era de aproximadamente trezentos exemplares (MAGALHÃES, 1993, p 10.)



FICÇÃO

Boletim do INTERCÂMBIO CIÊNCIA — FICÇÃO "ALEX RAYMOND"

Ano I - Piracicaba (S.P.), Outubro 1965 - Nº1

NOSSA PALAVRA

Muito se pensou e falou da fundação de uma entidade em que se conseguisse reunir, por meio de correspondência, um grande número de aficcionados da história em quadrinhos.

Nosso maior intuito é facilitar a venda e trocas de revistas de historietas entre colecionadores e tecer comentários sôbre tudo o que se relacione com esta arte de nosso século.

Aqui estaremos de braços abertos esperando a sua adesão e colaboração, contando também com seus artigos, comentários, opiniões, etc.

Guarde o nosso endereço INTERCÂMBIO CIÊNCIA-FICÇÃO "ALEX RAYMOND" - Rua Alfe - res José Caetano, 1980 - PIRACICABA - Est. de S.Paulo

No próximo número: "O TICO TICO", meio século de alegria"

ALEX RAYMOND

A escôlha para patrôno de nosso INTERCÂMBIO não podia ser melhor do que o nome de ALEX RAYMOND, um dos ases da história em quadrinhos internacional, criador de herois que conquistaram o mundo. São êles: Flash Gordon Jim das Selvas, X-9 e Rip Kirb.

Figura 01 - Capa da zine “Ficção” de Edson Rontani, 1965

Rontani foi um pioneiro das zines no Brasil e uma figura fundamental para a história desse meio de comunicação no país. Formou-se em direito pela Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep), porém nunca exerceu o ofício.

Desde criança sempre teve interesse por gibis e artes, principalmente pelo desenho. “Naquele tempo, já fazia revistas à mão, com histórias em quadrinhos, isto em 1944. Nas folhas de caderno fazia historietas de heróis, que a gente criava e emprestava aos colegas do grupo.” (RONTANI, 1985).

O gosto pelas revistas e pelas artes, fez Rontani passar a enviar cartas para editoras importantes de sua época, comentando sobre os personagens e histórias que o cativaram nas publicações das revistas. Junto a essas cartas, Rontani enviava também alguns desenhos, nos quais ele representava os personagens das histórias. Isso o levou a ter algumas capas publicadas pela EBAL (Editora Brasil-América Ltda). Teve várias criações autorais publicadas ao longo dos seus 65 anos de vida, além de também ter aberto um estúdio de desenho que prestava serviço para diversos jornais e revistas.

Outra parte importante da história das zines no Brasil está diretamente ligada com a música. Poucos anos após a criação da primeira zine brasileira, nas décadas de 70 e 80, os zines feitos em território brasileiro eram frequentemente vinculados a movimentos contraculturais, notadamente o punk – que surgiu na Inglaterra e logo se popularizou para o resto do mundo – e o underground. Isso evidenciou as zines como uma maneira alternativa de expressão, proporcionando às pessoas a oportunidade de compartilhar suas ideias e perspectivas, independentemente das vias tradicionais de publicação. Segundo Magalhães:

> No início da década de 70 foram surgindo alguns fanzines de fãs-clubes de música, que atingiram o apogeu em 1976-77 com a explosão do movimento punk. Foi então que se criou uma subdivisão, com fanzines específicos de música punk, ou dos punks como grupo de militância com atitudes de rebeldia. (MAGALHÃES, 1993, p.21)

Juntamente com o crescimento do movimento punk na década de 70, acontece também a popularização das zines conhecidas por essa nomenclatura no Brasil. Elas eram produzidas por fãs no intuito de divulgar os artistas e propagar seus ideais. “A partir dos fanzines punks, o termo fanzine ganhou popularidade e passou a denominar as publicações informativas dos fã clubes ou movimentos organizados por minorias” (MAGALHÃES, 1993, p. 23).

No cenário da década de 90, com a disseminação e popularização da internet, as zines viram uma das suas funções centrais, que antes consistia na divulgação de artistas independentes por meio impresso, ser transformada em uma plataforma de socialização de trabalhos artísticos por meios digitais.

Apesar de toda mudança tecnológica ter seu impacto social, de comunicação e cultural, o uso maior da internet também traz novas possibilidades. No caso das zines, foram criadas as “e-zines", termo que se origina das palavras *eletronic* e *fanzine.* Essa modalidade de zine pode ser feita por edições através de aplicativos e distribuída pela internet através de plataformas sociais e sites dedicados a esse meio de expressão.

Apesar de serem um veículo de fácil acesso, tal qual as redes sociais, as zines possuem características que foram sendo constituídas ao longo de sua história, fazendo com que elas não perdessem suas características principais mesmo tendo a possibilidade de ser propagada em outro formato.

As zines têm em suas bases históricas o objetivo de alcançar um grupo específico de pessoas, afastando-se da difusão massiva e da ideia de controle que a grande mídia exerce por diversos meios de comunicação. Por fim, as zines tratam dos temas ali expostos com muito mais personalidade, mesmo podendo estar atreladas a algoritmos e grandes canais de comunicação, como no caso da internet. Fazendo uso de seu fácil acesso e criação, as zines podem permitir inúmeros temas, gêneros textuais e formatos.

Diante do breve contexto histórico apresentado podemos ver que as zines representam uma plataforma versátil e acessível que permite às pessoas exercerem sua criatividade e expressão. Elas se destacam como um meio que capacita os indivíduos a forjar suas próprias narrativas, tornando-se criadores em vez de apenas espectadores. Com sua simplicidade e abordagem “faça você mesmo”, as zines servem como uma tela em branco para que qualquer um conte sua história, compartilhe ideias ou explore temas que lhe são caros. Assim, elas não apenas promovem a liberdade de expressão, como nos exemplos que vimos acima, mas também celebram a diversidade de vozes e perspectivas que enriquecem nossa cultura.

2.3 Zines e seus formatos

Por conta de sua versatilidade, as zines podem ter vários formatos. Um dos formatos, por exemplo, são as zines *standard* ou zines cordel, que são geralmente feitas com folha A4, tesoura e grampeador.

Nesse formato, há a oportunidade de realizar o desenho, a escrita e colagens antes de unir as páginas com grampos, o que facilita a visualização do produto final antes da conclusão. Por serem confeccionadas em folhas separadas, há a flexibilidade de experimentar diferentes tamanhos e arranjos das páginas, possibilitando uma forma variada de confecção.

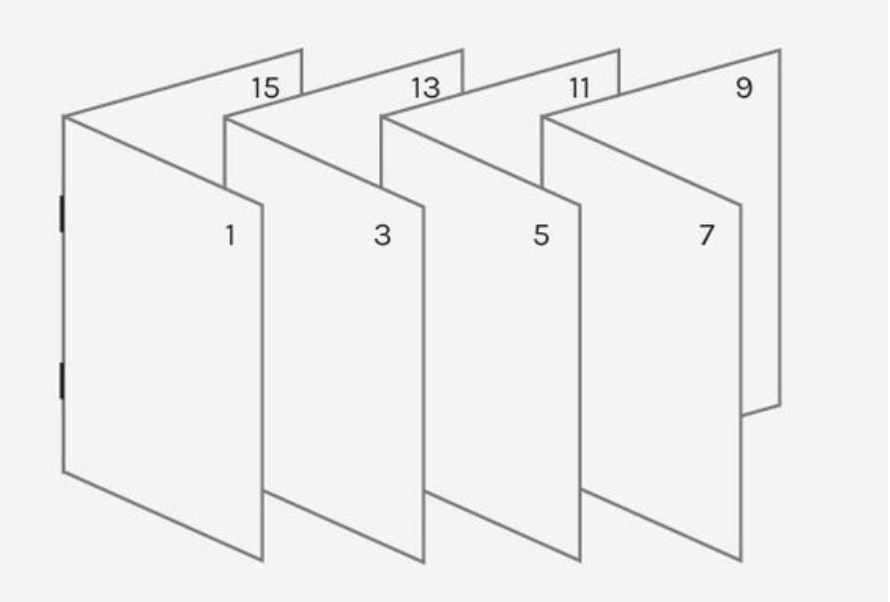


Figura 02: Zines standard

Existe também a possibilidade de se fazer uma zine apenas com corte e dobradura, como as conhecidas zines de bolso. Nessa configuração compacta é possível ter agilidade na produção e facilidade no transporte. Essas zines são particularmente indicadas para narrativas e informações concisas, permitindo uma comunicação direta. A sua eficiência é evidenciada pelo uso mínimo de materiais, muitas vezes limitando-se a apenas uma folha para a dobradura.

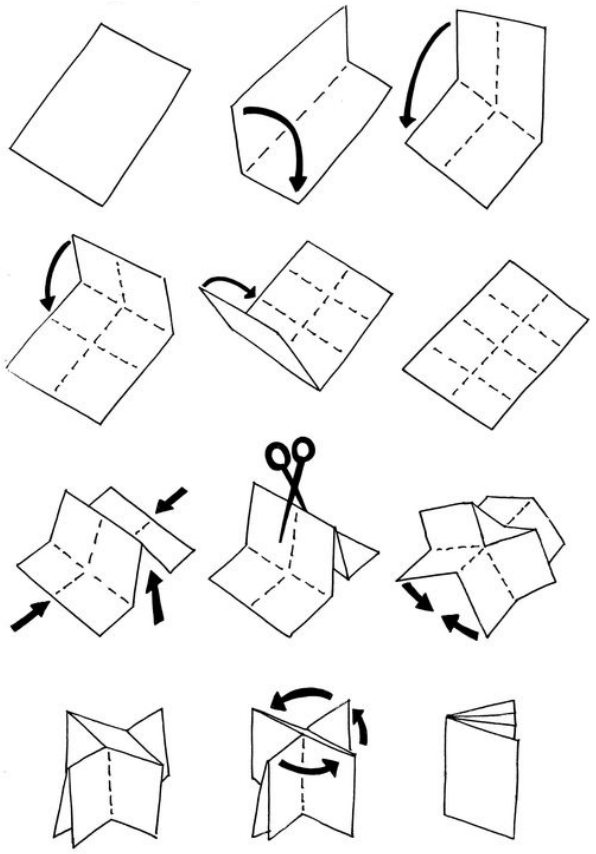


Figura 03: Zine de bolso

Ela também possui a sua versão digital como dito anteriormente neste estudo, as chamadas e-zines. Nessa estrutura, elas podem incorporar elementos interativos, como links, vídeos, animações e áudio, proporcionando uma experiência multimídia que vai além das capacidades das versões impressas. Ao contrário das zines impressas, as digitais podem ser atualizadas de forma dinâmica. Isso permite a inclusão de novos conteúdos, correções ou atualizações sem a necessidade de reimprimir ou refazer. No ambiente digital, as zines podem explorar formatos não lineares, como apresentações de slides, páginas deslizantes, ou até mesmo formatos experimentais que seriam desafiadores de implementar em uma versão impressa.



Figura 04: E-zine studio 24

Além dos formatos apresentados, existem muitos outros, pois, a partir de quem a faz, diversas possibilidades podem surgir, variando entre forma, tamanhos e maneiras de distribuição.

3. O ENSINO DAS ARTES VISUAIS NO CURRÍCULO DA EJA

3.1 A inserção do componente curricular “Artes” na Educação de Jovens e Adultos

O conceito de Educação de Jovens e Adultos pode abranger uma variedade de interpretações, pois todas as modalidades de ensino a partir do ensino fundamental tem como público-alvo indivíduos jovens e adultos, independentemente de estarem ou não inseridos no mercado de trabalho. Porém essa abordagem educacional visa atender a uma ampla gama de necessidades educativas de pessoas que, por diferentes razões, não seguiram o percurso tradicional de escolarização ou desejam retomar seus estudos em fases posteriores da vida. A EJA, apesar de ainda ser percebida e vista como uma educação sucateada por normalmente atender um público mais periférico e que teve acesso a poucas oportunidades de estudo, é um direito e seu propósito fundamental é fomentar uma prática educacional que esteja centrada no conhecimento e promova a integração da diversidade cultural como um todo conforme está descrito na CNE/CEB nº 11/2000:

> No Brasil, país que ainda se ressente de uma formação escravocrata e hierárquica, a EJA foi vista como uma compensação e não como um direito. Esta tradição foi alterada em nossos códigos legais, na medida em que a EJA, tornando-se direito, desloca a ideia de compensação substituindo-a pelas de reparação e equidade. Mas ainda resta muito caminho pela frente a fim de que a EJA se efetive como uma educação permanente a serviço do pleno desenvolvimento do educando. (BRASIL, 2000, p. 66).

Mesmo já ocupando o lugar legal de um direito, diversos desafios permeiam essa modalidade de ensino. Esses obstáculos incluem não apenas a evasão escolar, mas também a precariedade das instituições de ensino público e as condições de trabalho dos professores envolvidos. A evasão dos educandos, muitas vezes motivada por fatores socioeconômicos e culturais, representa um entrave significativo. Além disso, a infraestrutura inadequada das escolas públicas e a insuficiência de recursos impactam negativamente a qualidade do ensino oferecido. A sobrecarga dos docentes, muitos dos quais

enfrentam condições desafiadoras de trabalho, também contribui para a complexidade desse cenário.

Percebendo toda a complexidade que permeia os estudantes, os profissionais e todos os envolvidos na Educação de Jovens e Adultos, é importante que as questões que, direta ou indiretamente, impedem a promoção da totalidade do objetivo da EJA, sejam discutidas. Esse objetivo está associado a oferecer ao estudante a possibilidade de finalizar seu ciclo de estudos garantindo a ele não somente o acesso, mas também a permanência na sala de aula. Diante dessa perspectiva de discussões e pesquisas, Ricetti (2015, p. 80) expõe que:

> Torna-se necessário a discussão sobre inúmeros fatores como: reprovação, distância da escola, motivação, trabalho (emprego), aspectos pessoais, coletivos e individuais, do aluno que está presente na EJA [...] e para conter a evasão é preciso acima de tudo um trabalho de parceria entre governo, escola e sociedade.

A falta de investimento e atenção na formação de jovens e adultos se torna clara ao considerarmos o histórico de evasão e reprovação. Foi somente no século XX que essa preocupação se tornou uma prioridade governamental. Adicionalmente, Soares (2016) afirma que mesmo com esforços de programas de alfabetização, havia a concepção equivocada de que qualquer pessoa era capaz de instruir jovens e adultos nesse processo.

Ampliando a discussão iniciada anteriormente por Soares (2016), falemos sobre os profissionais no que diz respeito ao ensino específico de artes. A Lei nº 5.692/71 trouxe para o currículo da EJA a obrigatoriedade da Educação Artística. Com isso, existiram cursos para formar profissionais capacitados para promover essas atividades, porém o objetivo principal desses estudos era oferecer um conhecimento geral, e superficial, em todas as modalidades artísticas, diferenciando-se de uma graduação em Artes. Logo o fracasso desses cursos e a necessidade de uma formação específica em artes foi percebido no contato com os estudantes. Foi apenas com a junção de documentos como o PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais e a atual Lei nº 9.394/96 que o termo inicial de “Educação Artística”, que incluía superficialmente diferentes linguagens da arte, deu lugar ao “Ensino de Arte”, transformando o olhar da capacitação dos profissionais, exigindo agora, não

apenas um curso geral, mas sim uma graduação aprofundada na arte, e na licenciatura.

Diante do histórico apresentado, surge o questionamento de como a arte se insere nesse contexto e de como ela pode ajudar os educandos na sua jornada educacional. Fomentando a necessidade de ampliar a percepção e reflexão dos estudantes, independentemente da fase da vida em que estão, o ensino de artes seria uma ótima ferramenta. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (1997), é por meio da educação em arte que o pensamento artístico – entendido como algo que atribui e faz com que os indivíduos atribuam sentido às suas experiências de vida – é desenvolvido de maneira plena. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos:

> Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais [...] (BRASIL, 2000, p. 01).

Por sua vez, a BNCC (2018) desempenha um papel complementar na garantia das aprendizagens essenciais em cada etapa da Educação Básica. O Currículo em Movimento da Educação Básica do Distrito Federal é moldado por decisões específicas que adaptam as diretrizes da BNCC à realidade local.

> Essas decisões precisam, igualmente, ser consideradas na organização de currículos e propostas adequados às diferentes modalidades de ensino (Educação Especial, Educação de Jovens e Adultos, Educação do Campo, Educação Escolar Indígena, Educação Escolar Quilombola, Educação a Distância), atendendo-se às orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais. (BRASIL, 2018a, p.16).

A Educação de Jovens e Adultos se fundamenta no desempenho do papel social do indivíduo. É precisamente por esse motivo que as abordagens pedagógicas empregadas no ensino nesse estágio educacional devem ser sensíveis às demandas dos estudantes, as quais podem divergir de acordo com fatores como a faixa etária, o estrato socioeconômico, a etnia, o gênero e outros aspectos de identidade.

Tendo em vista a já citada LDB 9.394/96 – em cujo Art. 26, § 2º, se lê: “o ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá

componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" –, o ensino de artes deve, de fato, oferecer aos estudantes uma ampla exposição a diferentes expressões artísticas, que além de promover o contato com o senso estético e a criatividade, também os instiguem a valorizar e buscar repertórios artísticos que se relacionem com seus povos originários, lugares onde vivem e cultura tradicional. Fornecendo-lhes a oportunidade de desenvolver e enriquecer sua própria produção por meio de experiências práticas.

No entanto, é crucial reconhecer que a arte não deve ser abordada somente como uma atividade prática, mas também como uma disciplina que abarca uma dimensão teórica. A capacidade de se conectar de maneira interdisciplinar, permitindo não apenas a expressão do estudante, mas também o crescimento teórico e crítico, é uma característica inerente à educação artística. Portanto, o ensino da arte não apenas fomenta a expressão individual, mas também enriquece o repertório intelectual do estudante e sua capacidade de análise crítica.

> Leitura da obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica [...] do conhecimento construído pelo próprio aluno com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma educação bancária (BARBOSA, 1998, p. 40).

O incentivo à curiosidade e à abordagem pedagógica utilizando a arte como objeto de aprendizagem feito pelo docente tem um papel importante para o despertar da reflexão e da criatividade do educando, existindo assim uma gama de diversas possibilidades a serem exploradas por ele, no intuito de descobrirem suas potencialidades.

Além dos aspectos educacionais de extrema importância para o ensino de artes da Educação de Jovens e Adultos, também vale ressaltar que o contato com esse componente curricular auxilia na desmistificação da arte como sendo algo de cunho elitista e inalcançável. É a partir do contato, do conhecimento e da convivência, que os estudantes, podem e, com os recursos necessários, vão encontrar e, até mesmo, criar elementos artísticos em suas vivências pessoais. A união da apreciação de uma obra já criada, com a possibilidade de criação de uma nova, tem potencial para promover cada vez

mais uma valorização da própria identidade nas produções artísticas dos estudantes da EJA.

3.2. A importância da apropriação artística na Educação de Jovens e Adultos

Compreender as particularidades e a diversidade dos estudantes envolvidos na educação de jovens e adultos representa um desafio significativo que se entrelaça com a capacidade da arte em representar a complexidade da experiência humana. A conexão entre a compreensão da diversidade dos estudantes e o papel da arte se aprofunda quando percebemos que, além de explorar, comunicar e compartilhar visões de mundo, a arte é também uma forma potente de manifestação pessoal.

É necessário, em todos os âmbitos, mas principalmente no contexto educacional, tornar a arte algo palpável, algo tangível e tocável a fim de ampliar a percepção, para além de algo “assistível” em vidros de um museu. Apesar de ser um poderoso veículo de comunicação e expressão, a arte acaba sendo algo que pouco comunica e pouco dialoga com a realidade da comunidade. Parte disso se deve ao fato de que os estudantes estão sempre em contato com o que vem de fora, mas minimamente com o que vem de dentro, com o que parte deles.

Trazendo a arte para perto, é possível permitir que os estudantes observem que a arte está em muitos aspectos de suas vivências e histórias, assim como ela está presente na vida de todos, como uma constante. Observando ao longo da história da humanidade, podemos perceber que a arte tem sido uma parte constante da vida. Esse fenômeno sugere a presença de uma necessidade intrínseca de expressar simbolicamente a complexidade do viver por meio dessa forma de linguagem, evidenciando que a expressão artística não se limita apenas à sobrevivência, mas também desempenha um papel importante na manifestação da nossa subjetividade como seres humanos.

> A arte evidencia sempre o momento histórico do homem. Cada época, com suas características, contando o seu momento de

> vida, faz um percurso próprio na representação, como questão de sobrevivência. [...] Portanto, entendendo Arte como produto do embate homem/ mundo, consideramos que ela é vida e, por meio dela, o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que (se) descobre, inventa, figura e conhece (BUORO, 2009, p. 25).

A arte desempenha um papel importante de expressão cultural na educação e na sociedade como um todo. Em primeiro lugar, a arte pode ser vista como uma representação da cultura de um grupo ou sociedade, um espelho que reflete seus valores, tradições e identidade. Em virtude disso, a arte também é a expressão pessoal do artista, um meio de comunicar suas próprias experiências e visão do mundo, inclusive em relação à cultura de sua origem. Além disso, é notório que a arte abre espaço para que um mesmo indivíduo possa se colocar no lugar de criador, mas também de observador, proporcionando uma valorização do seu próprio trabalho a partir da valorização do que foi criado por outrem.

A prática e o ensino da arte têm o potencial de aprimorar a capacidade crítica dos indivíduos. Através da arte, as pessoas aprendem a observar e interpretar símbolos e significados, e avaliar o mundo que as cerca. A arte se torna uma ferramenta para perceber e, possivelmente, transformar a realidade percebida. Isso ocorre por meio da aplicação da criatividade e do senso crítico que ela pode nos proporcionar.

Portanto, a arte desempenha um papel notável na educação, sendo mais do que uma disciplina isolada; mas sim uma ferramenta multifuncional que enriquece o desenvolvimento pessoal e intelectual. Além disso, contribui para uma sociedade mais consciente de si mesma e dos desafios que enfrenta.

> A arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2000, p. 9).

4. ZINE COMO FERRAMENTA EDUCACIONAL NA EJA

A incorporação das zines como um recurso didático no contexto educacional atual oferece uma série de vantagens para todos os envolvidos. Os educadores, ao empregarem estratégias pedagógicas que incorporam as zines, conseguem despertar um maior interesse e engajamento por parte dos estudantes, tornando o processo de aprendizado mais dinâmico e participativo. Por exemplo, ao trabalhar com zines, os educadores podem por meio debates, indagações sobre os interesses e vida pessoal dos estudantes e dinâmicas interativas encorajar os estudantes a escolher tópicos que lhes sejam pessoalmente relevantes, permitindo que explorem questões que tenham significado em suas vidas, o que, por sua vez, estimula a criatividade e o pensamento crítico.

Os estudantes desempenham um papel central nesse cenário, à medida que colaboram na criação, elaboração e utilização das zines como ferramentas de aprendizado. Isso não apenas aumenta o senso de autoria e responsabilidade entre os alunos, mas também os capacita a se tornarem narradores ativos de suas próprias histórias. Essa abordagem, especialmente na Educação de Jovens e Adultos (EJA), pode ser particularmente eficaz, uma vez que os estudantes adultos frequentemente trazem consigo uma riqueza de experiências de vida que podem ser exploradas e expressas por meio das zines.

Campos ressalta que a zine é uma ferramenta versátil, capaz de abordar diversas temáticas em sala de aula. Isso se traduz em uma capacidade única de adaptar a aprendizagem às necessidades individuais dos alunos, tornando o processo mais relevante e significativo para eles.

> O trabalho com fanzine nos permite, como educadores, transitar por diferentes caminhos, utilizando representações que comunicam significados, construindo e reconstruindo saberes que potencializam o poder de intervir como sujeitos pensantes no meio sócio-cultural (CAMPOS, 2009).

Nascimento, por sua vez, destaca que a fanzine é uma ferramenta que promove a pesquisa de informações relevantes, o pensamento crítico e a

expressão criativa. Esse recurso não apenas oferece aos estudantes a oportunidade de explorar informações de forma relevante, mas também os encoraja a adotar uma perspectiva crítica e criativa em relação ao ambiente em que estão imersos. Isso não só aumenta o envolvimento dos estudantes, mas também os desafia a encontrar soluções criativas para os problemas apresentados. Nesse cenário, Nascimento (2010, p. 125) enfatiza:

> O fanzine propicia no âmbito educacional, o desenvolvimento da capacidade dos educandos de pesquisar informações relevantes, levantar um olhar crítico sobre o cotidiano ou dos conteúdos programáticos das diversas disciplinas, além de produzir um material de comunicação que expresse suas ideias, incorporando a união do desenho e outras imagens tomadas de outros meios, enfatizando a relação entre estes e destacando as soluções mais criativas (NASCIMENTO, 2010, p. 125).

A zine como um recurso educacional deve ser apresentada aos estudantes não apenas como uma técnica, mas como uma ferramenta de aprendizado. Ela se revela um recurso em potencial para ser utilizado em contextos de criticidade, identidade e expressão pessoal.

4.1. O estudante como protagonista do processo de criação

A palavra "protagonista" tem sua origem no grego antigo. Ela é formada pela união de "protos," que significa "primeiro" ou "principal," e "agonistes," que se refere a "ator" ou "lutador." Originalmente utilizada no contexto teatral, a figura do protagonista era o personagem central que conduzia a trama e enfrentava desafios significativos. Agora, ela é frequentemente utilizada para descrever a pessoa que desempenha um papel central em narrativas, eventos históricos ou mesmo em situações cotidianas. Assim, essa palavra captura a essência da liderança ou centralidade em diversas situações, indo além de suas origens no teatro grego antigo.

Segundo Silva (2009, p. 3), “[...] o protagonismo é uma relação dinâmica entre formação, conhecimento, participação, responsabilização e criatividade como mecanismo de fortalecimento da perspectiva de educar para a cidadania [...]”. Trazer o estudante como protagonista de sua jornada e seu

processo educacional é um ponto crucial para o desenvolvimento de sua autonomia como cidadão. Pois é através da autonomia que o indivíduo adquire habilidades para questionar, agir e realizar transformações significativas na comunidade em que está inserido. O que consequentemente se transforma em uma ferramenta essencial para a construção de uma cidadania participativa e consciente.

Ainda nesse pensamento, Freire diz que (1996, p. 59) “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros.” E é nessa perspectiva que devemos pensar a modalidade de ensino EJA, pois seu público alvo já está inserido como cidadão ativo de uma matriz cultural, e já absorveu normas, valores e vivências ao longo de sua trajetória. Dessa forma a EJA enfrenta o desafio de lidar com um público que já é ativamente engajado como agente social na sociedade, ou seja, o processo de autonomia não entra como uma habilidade a ser adquirida para a vida adulta, como ocorre no ensino fundamental/médio regular, mas como uma habilidade que já está presente no dia a dia das decisões dos estudantes e necessita ser lembrada e revisitada, exigindo assim uma abordagem educacional que reconheça e valorize a riqueza das experiências prévias desses estudantes.

Para trazer o estudante para o foco do processo de aprendizagem, é necessário que o educador esteja disposto a fomentar e promover o diálogo entre os estudantes, entre professor e aluno e, principalmente, do estudante consigo mesmo. De acordo com Freire (1970), a prática do diálogo ultrapassa uma necessidade educacional, mas está no lugar de necessidade inerente ao ser. Por isso, é importante que, para se alcançar os objetivos da aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes, o uso do diálogo dentro e fora de sala seja promovido com intensidade. Assim sendo, ao realçar e incentivar a prática do diálogo como elemento integral do processo educativo, os educadores criam um ambiente que valoriza a multiplicidade de vozes e perspectivas.

> [...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Por meio do diálogo, surge a compreensão de que uma abordagem mais participativa e colaborativa é necessária para que não ocorra o processo de educação bancária – um modelo arbitrário de educação, que ocorre de maneira opressiva, tratando os educandos como apenas um receptor de conteúdo; tornando-se então somente um treino, uma transferência de conteúdo, um puro exercício de adaptação ao mundo, segundo Freire (2000, p. 101).

O despertar da curiosidade funciona como um estímulo interno que impulsiona a busca por respostas. Em um contexto educacional, isso significa que os estudantes não apenas absorvem passivamente informações, mas também buscam ativamente explorar, questionar e relacionar o aprendizado com suas experiências e perspectivas individuais. Também exerce um papel muito importante para que a educação bancária não seja uma realidade em sala de aula.

Além do diálogo e da curiosidade, a relação do conteúdo a ser abordado pelo educador com a realidade do educando também exerce um papel fundamental na modalidade de ensino EJA. A diversidade de experiências entre os estudantes significa que cada um traz uma perspectiva única para a sala de aula. Ao relacionar o conteúdo com essa realidade, ela permite que os estudantes contextualizem e se aproximem de tal o conhecimento.

> Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade. O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo-se para rezar ou para discutir seus direitos –, nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular (FREIRE, 2001, p. 16).

Apesar de existir uma grande lacuna entre o que se é, e o que se espera que seja a EJA, a necessidade de pensar e trazer pontos que fomentem pensar a autonomia e o pensamento crítico do aluno, se mostra latente, pois é através deles que a educação realmente poderá se inserir no cotidiano do aluno.

5. PESQUISA DE CAMPO: EXPLORANDO AS ZINES NA PRÁTICA

Para proporcionar um maior arcabouço de informações e discussões, foi realizada uma pesquisa de campo na escola CEF 120 (Centro de Ensino Fundamental 120 de Samambaia Sul), com o objetivo de levar as zines aos estudantes e promover materiais e diálogos a fim de incentivá-los a produzirem suas próprias obras.

A pesquisa foi realizada com 4 (quatro) alunos de uma turma do 2º segmento da EJA, com o intuito de saber um pouco mais sobre a vida destes alunos, buscando trazer para a roda de diálogo seus interesses, sonhos e objetivos. Antes do contato direto com os estudantes, também foi realizada pesquisa com 1 (uma) professora da EJA, do ensino de artes, na escola colaboradora do estudo, a fim de entender melhor quais eram os processos vividos pelos estudantes presentes naquela instituição de ensino.

Durante a conversa com a professora de artes, foi informado que a turma com a qual a pesquisa de campo seria aplicada, contava com 10 (dez) alunos, porém, 3 (três) estudantes matriculados já tinham vivido o processo de evasão escolar, e já não frequentavam mais as aulas. Além disso, nas semanas de aplicação da pesquisa, 3 (três) deles não estavam presentes, restando apenas 4 (quatro) educandos disponíveis para a pesquisa. Após a conversa, foi desenvolvido um plano de aula para a aplicação da oficina.

Plano de aula - Oficina de zines	
Tema	Narrativas visuais: zines como veículo de expressão e reflexão na educação de jovens e adultos
Competências específicas	Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas

Habilidades	(EM13LGG305) Mapear e criar, por meio de práticas de linguagem, possibilidades de atuação social, política, artística e cultural para enfrentar desafios contemporâneos, discutindo princípios e objetivos dessa atuação de maneira crítica, criativa, solidária e ética.
Objetivos	**Métodos de Criação e Ensino:** Analisar diferentes métodos de criação de zines na EJA e como eles podem ser integrados ao processo de ensino, considerando a acessibilidade, o engajamento e o desenvolvimento das habilidades dos alunos. **Desenvolvimento da Criatividade e Pensamento Visual:** Identificar como a criação de zines pode incentivar os alunos a pensarem de forma não convencional, a explorarem soluções visuais criativas para transmitir mensagens e a expandirem sua capacidade de pensamento visual.
Conteúdo	● Contexto histórico sobre o que são zines. ● Cores e texturas ● Composição visual
Duração	1h45min (2 aulas)
Recursos didáticos	Folhas sulfite de cores diversas, lápis de cor, canetinha, jornais, revistas, cola, tesoura.
Metodologia	No primeiro horário será feita uma dinâmica em grupo para conhecer os estudantes. Todos escolherão um objeto e farão sua apresentação a partir dele. Após a dinâmica conversaremos sobre o que são as zines e como elas podem contar nossas histórias. Em seguida ocorrerá a apresentação de alguns exemplos de zines. Encerraremos com o questionamento de como elementos visuais podem nos representar, e como a individualidade de cada um é uma potência social e artística. No segundo horário teremos uma aula prática baseada nas etapas de confecção de uma zine: ● Planejamento ● Construção

	● Finalização
Avaliação	A avaliação é processual e contínua, devendo ser realizada individualmente identificando se os estudantes apresentaram, nas zines confeccionadas, vivências de seu cotidiano e seus interesses.
Referências	livro “O que é fanzine?” de Henrique Magalhães livro “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire

Tendo em vista a maior compreensão dos estudantes sobre a oficina e o que seria proposto para a aula dupla que passaríamos juntos, também foi confeccionada uma zine feita digitalmente, impressa cortada, dobrada e disponibilizada para cada estudante no intuito de explicar qual seria a programação da nossa aula:



Figura 05: Plano de aula em formato de zine de bolso

Na conversa com a professora, ela relatou que essa turma gostava muito das aulas de artes e eram bem engajados nos projetos que ela apresentava para eles. Esse relato se mostrou verdadeiro na prática, pois os estudantes demonstraram entusiasmo e disposição ao participar da dinâmica e criar zines. Nenhum deles estava familiarizado com o conceito de zines, o que acredito que contribuiu para um aumento do interesse geral. Essa falta de familiaridade ofereceu uma oportunidade para exploração e descoberta ao longo da oficina.

Embora tenham sido fornecidos materiais, sua utilização não foi necessária, pois todos os estudantes já possuíam em suas mochilas os materiais de arte comumente levados para as aulas, o único material utilizado dentre os que foram oferecidos a eles foram as revistas para colagem.

Segue abaixo algumas fotos do processo e dos resultados das zines confeccionadas pelos estudantes:



Figura 06: Muro da escola CEF 120 de Samambaia Sul



Não Figura 07: Estudante recortando figuras

Fonte: A autora



Figura 08: Zines confeccionadas

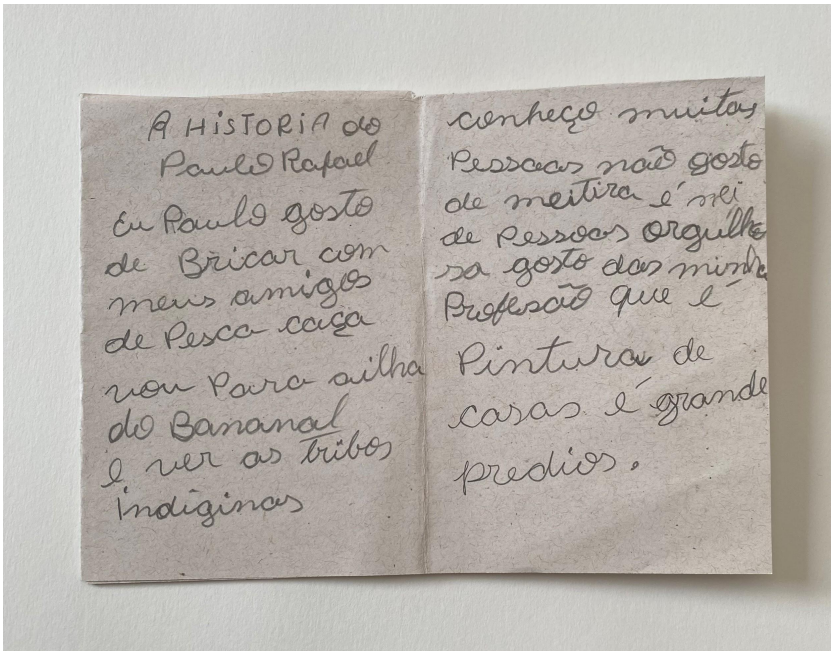


Figura 09: Zine 01

A análise das zines produzidas pelos estudantes revela distintas características em cada uma delas. Na primeira zine (Figura 09), é evidente que o estudante encontrou maior conforto ao expressar-se por meio da escrita. Nessa zine em particular, o aluno compartilhou informações sobre suas preferências, suas aspirações em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e também discorreu sobre seu trabalho. Segundo o estudante, sua ocupação está vinculada à arte, pois ele se dedica à pintura de paredes. Para ele, essa atividade não é apenas um meio de subsistência, mas também uma paixão.



Figura 10: Zine 02

Contrariando a abordagem da zine anterior, na segunda zine apresentada (figura 10), a estudante optou por utilizar exclusivamente colagens. A composição inclui cores vibrantes, uma figura feminina e uma composição feita por meio de diferentes imagens. A escolha de utilizar exclusivamente colagens, pode demonstrar uma preferência da estudante por uma expressão visual ao invés de escrita por exemplo.

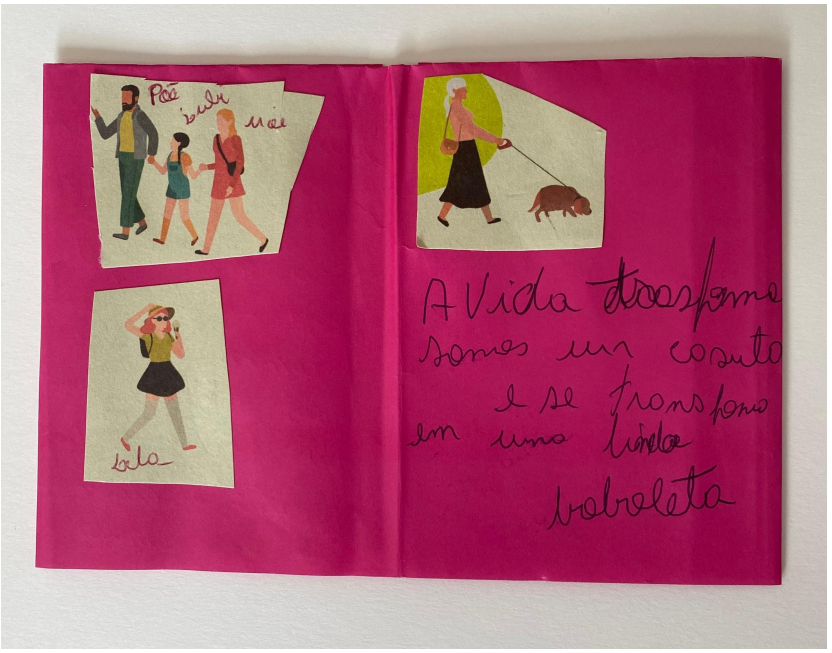


Figura 11: Zine 03

Nas duas últimas zines (figuras 11 e 12), pode-se observar uma fusão entre palavras e colagens, evidenciando uma expressão que se complementa por meio de imagens e escrita. Ambas as estudantes optaram por compartilhar aspectos de suas vidas familiares, histórias pessoais e rotinas diárias. Isso pode ser visto, por exemplo, na zine da estudante que ilustrou seu cotidiano cuidando dos cachorros, nomeando sua família em uma das imagens que escolheu (Figura 11).

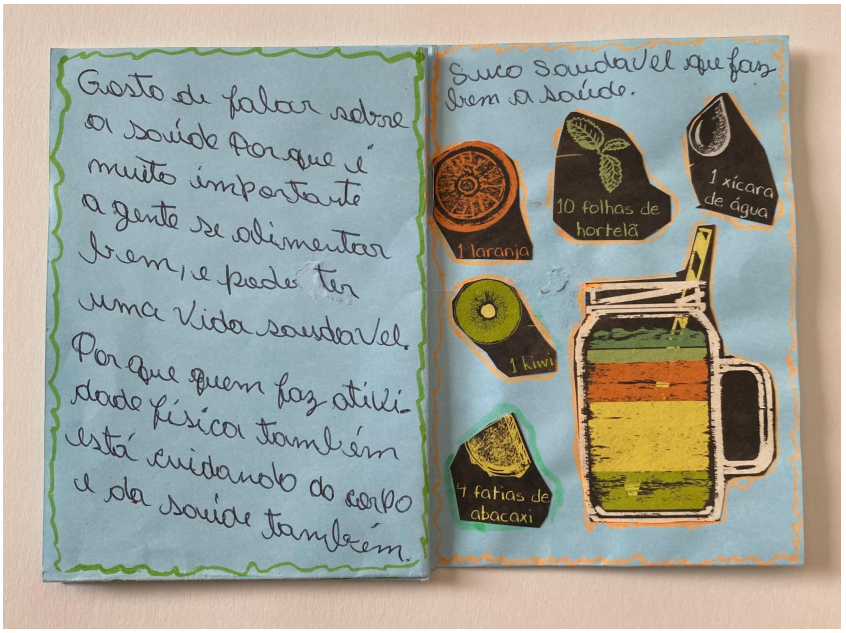


Figura 12: Zine 04

Por outro lado, a outra estudante expressou seu afeto pela família predominantemente por meio de palavras (figura 12), mas estabeleceu um paralelo com sua paixão por fazer sucos. Utilizando a colagem ela representou suas receitas naturais. Ela descreveu essa prática como uma maneira saudável de cuidar de sua família. Ambas as estudantes utilizaram de palavras e imagens para retratar seus familiares, que são evidenciados a partir da escrita por meio do cuidado que elas expressaram em suas histórias.

Conforme o proposto nas conversas iniciais, as zines produzidas pelos estudantes refletem suas experiências individuais, sendo que alguns optaram por narrar suas vivências por meio de imagens, enquanto outros escolheram a linguagem textual. Essa variação na abordagem artística destaca a diversidade

de estilos e preferências entre os participantes. Cada zine torna-se, assim, uma expressão única das vivências de cada estudante, evidenciando a riqueza e a individualidade de suas perspectivas.

As zines se mostraram eficazes juntamente com o diálogo em demonstrar a criatividade de cada um. Já em relação a como as zines podem ser uma ferramenta propulsora da criticidade, esse pensamento crítico pode ser observado em alguns trabalhos. Por exemplo, um estudante expressou sua aversão a mentiras, uma crítica em relação à ética daqueles que optam pela desonestidade. De maneira semelhante, outra participante enfatizou a importância do consumo de alimentos naturais e saudáveis, suscitando uma crítica implícita aos alimentos ultraprocessados. Estas manifestações individuais, embora apenas exploradas durante a oficina devido às limitações temporais, demonstram a capacidade das zines de fomentar o pensamento crítico. Além disso, possibilitam a expansão dessas reflexões em contextos mais aprofundados, como a utilização dessa ferramenta em um ano letivo completo por exemplo, explorando diversos temas e maneiras de serem utilizadas.

O produto final é muito interessante, e destaca a importância do processo de criação, reflexão e experimentação, que muitas vezes reflete mais sobre a experiência do indivíduo em vivenciar aquela prática proposta do que a confecção do material em si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, meu objetivo foi situar historicamente as zines, investigar como elas se inserem e contribuem para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) como uma ferramenta pedagógica. Refleti sobre o papel fundamental das Artes no currículo da EJA e seu potencial para enriquecer o desenvolvimento dos estudantes. Através da pesquisa e da aplicação prática da oficina de zines com os alunos da EJA, tracei um caminho de reflexão e experimentação da técnica em sala de aula. Mesmo durante uma oficina de curta duração, essa abordagem revelou-se rica, considerando o que os estudantes conseguiram realizar em um período limitado. Os objetivos delineados no plano de aula se demonstraram atingidos, pois os estudantes apresentaram nas zines, seu cotidiano e interesses individuais, tanto de forma textual quanto visual, utilizando o espaço disponível para compor visualmente e planejando a disposição das folhas para narrar suas vivências.

Apesar da simplicidade que as zines apresentam, ainda sim, ela se destacou como uma ferramenta instigante para os estudantes, que se mostraram empolgados em vivenciar a técnica. Isso demonstra que incentivar os alunos a vivenciar experiências que promovam autonomia e reflexão é crucial em todas as etapas de ensino.

Durante a implementação da oficina, percebi desafios na precariedade do EJA, como a falta recorrente de professores, conforme relatado pelos alunos. O ensino público já enfrenta desafios diversos, e a EJA destaca-se nesse sentido, sendo uma das etapas da Educação Básica que mais sofre com a evasão escolar. Considerando o envelhecimento da sociedade, a parcela de pessoas com 60 anos ou mais passou de 11,3% para 14,7% da população e o número de pessoas abaixo de 30 anos de idade no país caiu 5,4% (IBGE, 2021). Ou seja, ao refletir sobre a formação de novos cidadãos, é essencial não negligenciar aqueles que já são cidadãos e principalmente aqueles que já foram negligenciados.

O papel da arte na EJA se mostra necessário para fomentar discussões e reflexões sobre a sociedade em que esses estudantes estão inseridos. A arte pode instigá-los a pensar, refletir, criticar e participar

ativamente de sua comunidade. A zine demonstrou ser eficaz como uma ferramenta para esse processo, mas é apenas um meio. Outras abordagens podem ser exploradas, desde que os profissionais da educação enxerguem a EJA não como um ato de caridade, mas como uma oportunidade de empoderar indivíduos que buscam algo que lhes foi negado ou interrompido por diversos motivos. Nesse sentido, Freire (1996, p. 53) afirma que “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”. Assim, é importante enfatizar que esses estudantes trazem consigo uma rica bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, e o desejo notável de retornar aos estudos, evidenciando a perspectiva de que esses saberes serão valorizados e incorporados ao processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANDRAUS, Gazy. **PUBLICAÇÕES INDEPENDENTES DO BRASIL: os Fanzines e Revistas Alternativas.** São Paulo: Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia, 2003

ABAURRE, Maria Luiza M. **Português: contexto, interlocução e sentido.** Marques Abaurre, Maria Bernadete Marques Abaurre, Marcela Pontara. São Paulo: Moderna, 2008.

BARBOSA, A. M. **Arte na educação para todos. In: V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para Todos e VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras.** 2000, Brasília. Anais, Brasília: 2000, p. 6-12. Disponível em: http://www.arteducacao.pro.br/downloads/anaisvcong.pdf

BRASIL. Ministério da Educação. **Documento referência da Base Nacional Comum Curricular.** 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte.** Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer CNE/CEB 11/2000, dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** 2000.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola.** São Paulo: Cortez, 2009.

CAMPOS, Fernanda Ricardo. **Fanzine: da publicação independente à sala de aula.** Pôster apresentado no III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009.

ETSY. **Debunking Body Mass Index (BMI) Zine.** Disponível em:

https://www.etsy.com/ca/listing/1040536844/debunking-body-mass-index-bmi-zine Acesso em: 23/11/2023

EZINES UFSCar. **E-ZINANDO** Disponível em: https://www.e-zine.ufscar.br/institucional/e-zine Acesso em: 23/11/2023

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra,1967.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Freire, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre introdução à pesquisa científica.** 5. ed. rev. e ampl. Editora Alínea, Campinas, 2011.

MAGALHÃES, Henrique. **O que é fanzine?** São Paulo: Brasiliense, 1993.

MAGALHÃES, Henrique. **A nova onda dos fanzines**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

MARANHÃO, Renata Queiroz. **Fanzines nas escolas: um convite à experimentação.** 1 ed. Fortaleza: Editora UECE, 2012. 111 p.

NASCIMENTO, Ioneide Santos do. **Da marginalidade à sala de aula: o fanzine como artefato cultural, educativo e pedagógico.** In: Muniz, Cellina Rodrigues (Org). Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si. Fortaleza: edições UFC, 2010. p. 121-133.

RICETTI, Miriam Aparecida. **A Permanência dos Alunos na EJA: Um olhar nas dimensões política, Social e Motivacional.** Curitiba: CRV, 2015.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

ROMONE, Marcus. **Há 50 anos: uma breve história do primeiro fanzine brasileiro.** Disponível em: https://universohq.com/universo-paralelo/ha-50-anos-uma-breve-historia-do-primeiro-fanzine-brasileiro/ Acesso em: 18/11/2023

SANTOS, Dionys Morais dos. **O fanzine como recurso didático pedagógico no ensino de geografia**. 2013.

SILVA, T. G. **Protagonismo na adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano.** 2009. 142 f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SOARES, Leôncio; PEDROSO, Ana P. F. **Formação de Educadores na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Alinhavando contextos e tecendo possibilidades.** Educação em Revista, Belo Horizonte, v.32, n. 04, p. 251-268, out-dez. 2016.

UHQ. **Há 50 anos: uma breve história do primeiro fanzine brasileiro.** Disponível em https://universohq.com/universo-paralelo/ha-50-anos-uma-breve-historia-do-primeiro-fanzine-brasileiro/ Acesso em: 23/11/2023